

Arquivo pessoal



Francisco com a mulher, Consuelo, e as filhas Valéria (centro), Laís e Maira (D)

Arquivo pessoal



Equipe do Galois à época da inauguração da escola: Feitoza fez parte do grupo

candidato por vaga, Francisco se diverte ao contar que a missão de ser aprovado, em 1967, para o curso de letras recém-criado não foi muito difícil. As aulas ocorriam num grande barraco, o Galpão Provisório de Aula. Nos primeiros anos, viveu no alojamento da universidade, e recebia bolsa, junto a outros estudantes que também tinham vindo de Penápolis. “O pessoal não aguentava, a solidão era dolorosa, terrível”, conta. Para ver um canto com cara de cidade o jeito era ir até Taguatinga. “Tinha tudo ali: forró, zabumba, churrasquinho de rua...”

Foi contemporâneo da jornalista e professora de língua portuguesa Dad Squarisi e dos irmãos Clodo, Climério e Clésio. Do último, virou até compadre. “Eles foram a família que eu tive aqui em Brasília. Eu ia lá comer o baião de dois da dona Alice, mãe deles”, alegra-se.

Ao longo do curso, descobriu na

universidade o que descreve como “um paraíso escondido”: a Biblioteca Central dos Estudantes (BCE). “Tudo o que eu gostaria de ler, tudo o que eu gostaria de saber, tinha lá. Uma maravilha!”, conta Feitoza, lembrando também dos guindastes que à época erguiam o Instituto Central de Ciência (ICC), apelidado de Minhocão.

Multidão de fãs

Já no início dos anos 1970, foi aprovado para o concurso da chamada Fundação Educacional, para atuar na rede pública de ensino do DF, em segundo lugar geral. Começou a dar aulas em Sobradinho, onde se deparou com outro encantamento: Consuelo. A coordenadora educacional da escola se tornaria, anos mais tarde, sua mulher, com quem teve três filhas, Valéria, Laís e Maira,

para as quais também deu aulas.

Aliás, a partir daí começa uma trajetória pela educação de Brasília que nenhum dos ex-alunos o deixa esquecer. Nas passagens por escolas públicas e pelos principais colégios particulares da cidade — muitos dos quais ajudou a fundar — deu aulas para alunos como Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, que depois formariam a Legião Urbana; o diretor de cinema René Sampaio, de *Eduardo e Mônica*; o compositor Hamilton de Holanda, contemporâneo e amigo de sua filha Valéria; o neurocientista Sidarta Ribeiro; o poeta Nicolas Behr; as jornalistas Leilane Neubarth e Márcia Witzack; e várias outras personalidades da cidade, entre políticos, cientistas, artistas e muitos bem-sucedidos profissionais. “Os alunos me aplaudiam muito. Eu falava a linguagem deles.” (leia depoimentos)

Ao lado dos professores mais renomados da época, deu aulas nos primeiros anos do Objetivo, depois no Sigma e participou do início do Galois. Também chegou a lecionar para estudantes do Marista. Na maior parte do tempo, conciliou o trabalho com a atuação na rede pública de ensino. Era aula manhã, tarde e noite.

“E até hoje os juízes e advogados que já tiveram aula comigo, quando me encontram por aí, é festa e agradecimento”, diz. Também admite que cometeu o que nas salas de aula é considerado pecado capital: colou. Mas, quando diz isso, apenas traduz o sentido de inspiração e de respeito. “Eu coleí dos professores que eu tive. Já que eles foram os melhores, já que eles me deram as melhores aulas. Eles me ensinaram a entender Machado de Assis, a amar Machado de Assis; a amar Padre Antônio Vieira. Eu fiz a cola”, brinca.

“Olha, se político tivesse juízo, só investiria em educação. Tem que ser a melhor possível. Educação é tudo. Eu nunca fui nada. Sou um ex-pau-de-arara, retirante, que chegou analfabeto a São Paulo. Tudo o que eu tenho é porque acreditaram em mim, porque me apoiaram. Eu digo para os meus alunos: a palavra educar vem do latim *duco/ducores*, que quer dizer “eu dirijo”, eu não sou dirigido. Educar é conduzir. Era isso que eu ensinava aos meus alunos: o segredo está na palavra, abra a palavra, escancare a palavra que lá dentro tem o saber”, atesta.

A rotina agitada e o estresse cobraram o preço. Há cerca de 18 anos, Feitoza sofreu um infarto e, em seguida, veio a aposentadoria. Agora, desfruta da companhia das filhas e do neto, Guilherme, que nasceu no Dia do Professor, celebrado em 15 de outubro. “Foi o meu presente”, comemora o avô, orgulhoso, abraçando o rapaz.

E perto dessa celebração tão simbólica para a família quanto para a educação, ele ensina qual o segredo para causar encantamento nos estudantes: “Levando-os a acreditar neles mesmos”.

Depoimentos de ex-alunos

Hamilton de Holanda, músico

“Meu querido professor de literatura, Feitoza, teve um papel fundamental na minha relação com a leitura. Foi ele quem incentivou em mim o gosto pelos livros, conduzindo as aulas de um jeito único, diferente de tudo que eu tinha vivido. Havia em seu olhar algo profundamente artístico e poético, uma forma de enxergar a palavra e o mundo que dialogava com a maneira como eu também via a vida. Ele nos ensinava a perceber o que há de humano e essencial nas entrelinhas. Com ele, aprendi que o senso crítico e a sensibilidade podem caminhar juntos, e que ler é, acima de tudo, um ato de arte e de liberdade”



Fernando Chagas/Divulgação

Sidarta Ribeiro, neurocientista

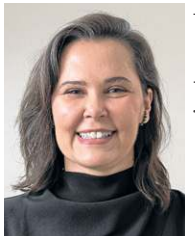
“Ele foi maravilhoso, extremamente importante e estimulante intelectualmente. As aulas que me deu sobre o período Barroco nunca vão sair da minha memória. Muito querido e amado mestre.”



WallacyMedeiros/Divulgação

Valéria Feitoza, filha e servidora do TJDF

“Ter sido aluna do meu pai foi uma experiência única. Aos 16 anos, eu tinha medo dos comentários dos colegas, de alguma exposição da vida privada de pai e filha... Mas, depois, eu percebi que estava diante de um privilégio raro. Nas aulas de literatura, ele não ensinava apenas sobre interpretação de textos, mas sobre as entrelinhas da vida. Eu aprendi a ler o mundo como quem lê um poema, buscando o subtexto dos gestos e das emoções.”



Arquivo pessoal